

Arte, Cultura, Religiosidade e Identidade: O caminho da mística das EFAS do Sul e a Escola Família Agrícola de Vale do Sol/RS

Art, Culture, Religiosity and Identity: The path of the mystic of the southern EFAS and the Agricultural Family School of Vale do Sol/RS

Monique Aline Arabites de Oliveira

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0002-4478-3719>

Antonio Carlos Gomes

Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, RS, Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-2134-1923>

Resumo: Observamos nesse artigo, a mística, palavra envolta de simbolismos e que, de forma ampla, refere-se às atividades cercadas de criatividade e utilizadas na sensibilização à luta em movimentos sociais. Especificamente, consideramos a mística no âmbito da Escola Família Agrícola de Vale do Sol (EFASOL). A metodologia escolhida para apreciação e coleta dos dados tem por base os círculos de cultura e as entrevistas não-estruturadas, devido ao grau de autonomia dado aos sujeitos por estes instrumentos, bem como o seu caráter dialógico. O texto inicia com um breve histórico sobre o processo pedagógico das Escolas Famílias Agrícolas e as ferramentas utilizadas na Pedagogia da Alternância; posteriormente, trazemos o contexto histórico da mística, incluindo suas raízes religiosas, além da descrição da conversa tida com os integrantes da ONG Em Busca da Paz; logo após, relatamos as entrevistas realizadas nas EFAs de Minas Gerais, que inspirou a fundação das EFAs do Rio Grande do Sul; trazemos, posteriormente, a pesquisa feita com os estudantes da EFASOL. As místicas são luta, são movimento, são contra hegemônicas, lembram a todos nós, diariamente, porque estamos aqui e pelo que estamos lutando.

Palavras-chave: Mística, Escola Família Agrícola de Vale do Sol, Educação do Campo, luta social.

Abstract: In this article, we observed the mystic, a word shrouded in symbolism and that, broadly, refers to activities based on creativity and used to raise awareness of the struggle in social movements. Specifically, considered the mystic in the context of the Family Agricultural School of Vale do Sol (EFASOL). The methodology chosen for data analysis and collection is based on culture circles and non-structured interviews, due to the degree of autonomy given to the subjects by these instruments, as well as their dialogic character. The text begins with a brief history of the pedagogical process of the Agricultural Families Schools and the tools used in the Pedagogy of Alternation; later, we bring the historical context of the mystic, including its religious roots, in addition to the description of the conversation with the members of the NGO In Search of Peace; soon after, we report the interviews

ARTE, CULTURA, REGIOLISIDADE E IDENTIDADE: O CAMINHO DA MÍSTICA DAS EFAs DO SUL E A ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE VALE DO SOL

carried out in the EFAs in Minas Gerais, which inspired the foundation of the EFAs in Rio Grande do Sul; later, we bring the research done with EFASOL students. The mystics are struggle, they are movement, they are counter-hegemonic, they remind us, daily, why we are here and what we are struggling for.

Keywords: Mystic, Family Agricultural School of Vale do Sol, Rural Education, social struggle.

Introdução

Um tecido florido estendido no chão. Caixas de madeira contendo hortaliças que, juntas, fazem uma dança cromática com os galhos de arroz sequeiro. Um pouco de terra e algumas sementes formam o nome da escola: EFASOL (Escola Família Agrícola de Vale do Sol). Ao entorno, em roda e, de mãos dadas, cantam a pleno pulmões, jovens, monitores e famílias. Gritam que “educação do campo é direito e não esmola”.

Essa pode ser uma breve descrição de um momento comum dentro de uma das tantas Escolas Famílias Agrícolas (EFAs) brasileiras. Esse momento, denominado de *mística* nas EFAs, é um chamamento à luta. É o reavivar do companheirismo entre os integrantes da escola. A *mística* é quase como um processo ritualístico, envolvendo, em muitos momentos, certa dose de espiritualidade. Trata-se de momentos onde objetos carregados de significado são utilizados para sensibilizar as pessoas presentes.

Porém, a experiência cotidiana na EFASOL nos mostra que a *mística* extrapola tais momentos. Ela está presente no cotidiano da escola, desde a prática na sala de aula, até o convívio mútuo entre estudantes, famílias e monitores¹. Faz parte do “jeito de ser” da escola, dos seus sujeitos, algo não necessariamente racionalizado ou ensinado teoricamente, mas internalizado, sentido, vivenciado.

Sabe-se que a *mística* está muito presente nos movimentos sociais como o MST (Movimento dos trabalhadores Rurais Sem Terra), o MPA (Movimento dos Pequenos Agricultores) ou o MAB (Movimento dos Atingidos por Barragens) por exemplo, como prática de reafirmação de união dos integrantes em relação à luta, fortemente estimulado pela presença da fé cristã, mais especificamente, católica, dentro do movimento.

Mas no caso da EFASOL, como essa *mística* foi e é construída? De onde surgiram/surgem os elementos que a constituem? No caso da EFASOL, como a *mística*, palavra que originalmente tem seu conceito atrelado à diferentes religiões, tornou-se um dos alicerces que sustenta o seu processo pedagógico e a sua luta pela educação do campo?

Cabe esclarecer que estas perguntas fazem parte de uma reflexão orgânica dos autores deste artigo, pois ambos são monitores de EFA. A primeira, é monitora da área de Linguagens

¹ Como são chamados as educadoras e os educadores envolvidos no processo formativo das EFAs.

ARTE, CULTURA, REGIONALIDADE E IDENTIDADE: O CAMINHO DA MÍSTICA DAS EFAS DO SUL E A ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE VALE DO SOL

da EFASOL desde a sua inauguração em 2014. O segundo, teve participação ativa na fundação da EFASOL e, antes disso, do processo de criação e implantação da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul – EFASC, sendo monitor de Ciências Humanas e Sociais e membro da coordenação nesta escola desde então. Portanto, além de refletir teoricamente sobre o tema, buscamos sistematizar um processo histórico vivido, mas nem sempre registrado, refletido e analisado.

Embasados pelo método materialista histórico dialético, iniciamos por uma retomada das origens da EFASOL, o que nos leva, conseqüentemente, à história da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul - EFASC, inaugurada em 2009, a primeira escola desse modelo do Rio Grande do Sul e, portanto, precursora da EFASOL e da mística nela vivenciada.

No estudo feito por Costa (2012), encontramos elementos significativos desta mística, que antecede a existência da EFASC. Foi no ano de 2005, a partir de uma visita à Escola Família Agrícola Paulo Freire (Acaiaca/MG), que a semente de construção de uma EFA em terras gaúchas foi lançada, instigada justamente pelo “clima”, pela “magia” presente no local, pela acolhida e pela identificação dos sujeitos com sua vivência na Pastoral da Juventude, mais especificamente, na Rede Em Busca da Paz, no final dos anos 1990 e início dos 2000.

Desse enredo, dois caminhos de investigação se mostraram necessários: conhecer melhor o que foi o Em Busca da Paz e desvendar as características das EFAs de Minas Gerais, o seu fazer pedagógico, a sua mística, para só então, voltarmos à mística da EFASOL. O delineamento desse caminho serve para que possamos compreender melhor quem são os agentes que motivam a mística, onde ela se encontra, em quais momentos e porque a mística é capaz de provocar sentimentos tão fortes de pertencimento, empoderamento e identidade que outras práticas ou outras abordagens não são capazes.

Uma das etapas da pesquisa foi a realização de uma entrevista no dia 20 de abril de 2019 com um grupo de pessoas que pertenceu à ONG Em Busca da Paz (EBP). Teve como ponto de partida a metodologia dos Círculos de Cultura, utilizada por Paulo Freire. Tal escolha metodológica deveu-se a seu caráter pedagógico libertador, que visa “a horizontalidade na relação educador-educando e a valorização das culturas locais e da oralidade” (DANTAS; LINHARES, 2014).

A outra etapa da pesquisa foi realizada através da imersão de uma semana junto às EFAs de Minas Gerais²: EFAs Paulo Freire (Acaiaca/MG), Camões (Sem Peixe/MG), Puris (Araponga/MG) e Natalândia (Natalândia/MG), no período dos dias 24 de setembro de 2018

² A oportunidade veio a partir do Projeto Juventudes e Agroecologia, realizado pela Associação Gaúcha Pró-Escolas Famílias Agrícolas – AGEFA, entidade de representação regional das EFAs no RS, junto à extinta Secretaria de Desenvolvimento Rural, Pesca e Cooperativismo (SDR), do Governo do Estado do RS que, entre outros recursos, financiou um intercâmbio envolvendo os monitores das EFAs do Rio Grande do Sul. As viagens tinham como objetivo oportunizar aos beneficiados a experiência de imersão em outras realidades de Escolas Famílias Agrícolas do Brasil e da Argentina.

ARTE, CULTURA, REGIONALIDADE E IDENTIDADE: O CAMINHO DA MÍSTICA DAS EFAS DO SUL E A ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE VALE DO SOL

a 01 de outubro de 2018. Em nosso último destino, Natalândia, estava acontecendo o evento *IV Terreiro Cultural: somos todos filhos da capoeira*, onde pudemos vivenciar a cultura e a mística da região do serrado mineiro, retribuindo a amistosidade com que fomos recebidos com uma oficina de estêncil³, outra oportunidade riquíssima para dialogar mais de perto com os estudantes sobre o significado da mística no contexto deles. Foram mais de 1200 km rodados dentro de território mineiro e incontáveis aprendizados adquiridos.

Para completar o processo de pesquisa, foram realizadas atividades baseadas nos círculos de cultura com duas turmas da EFASOL no ano de 2018: terceiro ano, composta por 28 estudantes; e primeiro ano A, com 12 estudantes.

Prates e Carraro explicam como a experiência conduzida ao fazer sensível – e humano – e analisada através da ótica dialética pode ser um caminho adequado para esse trabalho:

A linguagem, a sensibilidade para a música e até mesmo para o amor, a solidariedade de classe e a percepção humana do sofrimento alheio, refere Marx (1844/2009), nos Manuscritos econômico-filosóficos ou Manuscritos de Paris, são todos processos de humanização, resultado de contradições, o inumano precisa ser negado para que o humano, de início a ele subsumido, floresça, afirma Lefebvre (1991). E os sentidos, assim como a razão, precisam ser educados, o olho que não aprende a ver não enxerga, diz Marx, nas obras *A ideologia alemã* (1846) e nos Manuscritos de Paris (1844), respectivamente. (PRATES; CARRARO, 2017, pg.166)

Conceitos de linguagem e cultura não existem isoladamente, cada cultura e cada época constroem e articulam sua linguagem de maneira a atender seus mais variados interesses e necessidades. Ou seja, nosso contexto, nosso entorno, nos molda, nos modificando de acordo com o que experienciamos no mundo. Por isso, ser sensível ao nosso lugar, saber observar para além do racional o que está diante de nós, são critérios essenciais para uma pesquisa.

A origem das EFAs e da EFASOL

Para compreendermos o que é a mística e a importância dela para a vivência pedagógica da EFASOL, é necessário compreender a escola como um todo. Igualmente, entender o processo histórico traçado pelas EFAs, até o surgimento da EFASOL em 2014, é crucial para resgatar a essência de luta da prática da mística.

As EFAs surgem em 1935, na França, com o intuito de suprir a necessidade de educação contextualizada para o povo do campo, além de ser um grito de camponesas e camponeses que não se viam representados na sociedade, nem tinham seus direitos básicos, como educação ou saúde, assegurados pelo Estado. Inicialmente com o nome *Maison Familiale*

³ Estêncil: técnica de aplicação de desenho em superfície (papel, parede, tecido, etc.) através da tintura de matrizes perfuradas.

ARTE, CULTURA, REGIONALIDADE E IDENTIDADE: O CAMINHO DA MÍSTICA DAS EFAs DO SUL E A ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE VALE DO SOL

Rurale (MFR), tais escolas surgem num mundo onde o progresso era atrelado à palavra urbano, onde era concebida a ideia de que cidade era sinônimo de avanço. Para além disso, como coloca Nascimento (2005):

Em relação a educação, os filhos/as dos camponeses/as franceses tinham duas opções: ficar na propriedade dos pais, com a família e trabalhando de sol a sol, ou de frio a frio, ou então, ir para as cidades onde tinha escola pública, saindo da realidade familiar rural e cultural que os cercava até este momento. Na verdade, quase sempre a primeira opção era a mais comum já que manter filhos/as na cidade significava gastos financeiros absurdos para a realidade campesina francesa. Assim, mantinham seus filhos e filhas sob as condições de analfabetismo. Alguns afirmam que os pais camponeses da França da década de 30 não queriam que seus filhos/as fossem estudar na cidade por medo de voltarem renegando a cultura e a dura realidade do meio rural. (NASCIMENTO, 2005, pg. 34)

Já aqui se percebe uma preocupação subjetiva com a cultura e o pertencimento à terra. A juventude, saindo do campo, poderia perder suas raízes. Junto a isso, o viés econômico pesava, quando camponesas e camponeses não tinham condições financeiras de manter seus filhos na cidade, pois necessitavam deles na lida no campo.

A Itália foi o segundo país a adotar a Pedagogia da Alternância, surgindo as chamadas escolas mistas dedicadas a atender rapazes e moças (Nascimento, 2005). É da Itália que o Brasil traz a primeira experiência de EFA, em 1969, inaugurada no estado do Espírito Santo.

As EFAs brasileiras nascem no período de ditadura militar. Um momento parecido com o que deu início às *Maison Familiale Rurale* na França, com um governo voltado ao incentivo à urbanização, ao conceito de modernização atrelado à cidade e industrialização. Segundo Nascimento (2005):

As Escolas Famílias Agrícolas surgem neste cenário de dor e sofrimento dos camponeses/as. Pode-se afirmar que foram literalmente expulsos de seu habitat, de sua cultura e de suas terras. Muitos afirmaram que as EFAs surgem no intuito de fazer com que o jovem permanecesse, se fixasse no meio rural, o que se pode dizer que seja uma incoerência pedagógica nos dias de hoje. Na verdade, tais experiências surgem com o desejo de contribuir para que o jovem do meio rural tenha perspectivas sem precisar migrar para os bolsões de pobreza e miséria das grandes ou médias cidades. (NASCIMENTO, 2005, pg. 61)

As EFAs vêm para o Brasil também como meio de resistência e luta, quando, diante das dificuldades encontradas no contexto histórico da época, surge uma nova forma de olhar para a educação do campo, que propagava palavras de liberdade para a juventude do meio rural num momento onde o futuro era obscurecido pelo medo, pelo autoritarismo e pela opressão.

No Rio Grande do Sul, as EFAs iniciaram sua trajetória com o encantamento de membros fundadores da EFASC diante da metodologia e vivência vistos na Escola Família Agrícola Paulo Freire, em Acaiaca/MG. A partir disso, Antonio Carlos Gomes e Neri da Costa se propuseram trazer a experiência vista em Minas Gerais para Santa Cruz do Sul onde, depois de cinco anos,

diante da confluência de um fundamental arranjo político-institucional⁴, nasceu a EFASC, cujo corpo docente se envolveu, direta ou indiretamente, no processo que inaugurou a EFASOL em 2014.

Atualmente, existem quatro EFAs no Rio Grande do Sul: a EFASC, a EFASERRA (localizada em Caxias do Sul), a EFASOL e a EFASUL (em Canguçu). Cada uma com sua personalidade, onde o “tom da música” é dado de acordo com o corpo discente, docente e familiar da instituição. Não raro, vemos currículos individualizados, adaptados à realidade da região e das famílias que a compõem, estruturas diferentes em localizações geográficas distintas. Contudo, o que não varia são as bases da escola (chamadas de pilares) e a importância dada à valorização da cultura, do povo do campo, das famílias que usam da terra para (sobre)viver. A mística é o meio utilizado em todas as escolas para reafirmar a luta, lembrar os valores da vida na agricultura familiar e exaltar a vida no campo através da sensibilização dos sentidos, da arte e da entoação de gritos de ordem.

Uma vivência pedagógica com quatro pilares

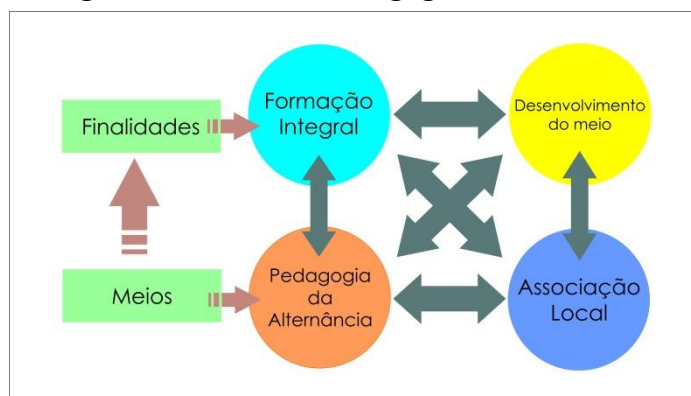
As EFAs, em geral, estão amparadas por quatro pilares essenciais, os quais conduzem pedagogicamente nossa prática. Assim como colocam Cerqueira e Santos (2018):

A EFA apresenta uma proposta educativa que visa a promoção e desenvolvimento rural em bases sustentáveis e está estruturada em quatro princípios, definidos como pilares: 1) pedagogia apropriada denominada Pedagogia da Alternância; 2) a responsabilidade e condução da EFA pelas famílias via associação; 3) formação integral do educando e 4) o desenvolvimento do meio (ROCHA, 2003; MATTOS, 2011). Cada um dos pilares tem sua importância e complementam-se entre si. (CERQUEIRA e SANTOS, 2018, pg. 3)

Ou seja, através da **Pedagogia da Alternância (P.A.)**, as famílias envolvidas com o processo educativo pela **Associação Local** fomentam, a partir de formações, do acompanhamento discente, da cumplicidade com monitores e professores, da presença constante e ativa tanto na escola, quanto a representando em assembleias, eventos, mutirões e reuniões, a **Formação Integral** dos estudantes. Tal formação busca contemplar aspectos sociais, artísticos, culturais, científicos, políticos e técnicos, pensando a complexidade de fatores, saberes e vivências que compõem um indivíduo. Os estudantes e a escola, por sua vez, garantem o **Desenvolvimento do Meio** quando realizam pesquisas e ações que buscam contemplar a comunidade onde estão inseridos, como ilustra a Figura 1:

⁴ A história da EFASC está documentada em detalhes na dissertação de João Paulo Reis Costa (2012) intitulada “Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul - EFASC: uma contribuição ao desenvolvimento da região do Vale do Rio Pardo a partir da pedagogia da alternância.

Figura 1 - Pilares da Pedagogia da Alternância



Fonte: elaborado pelos autores. Adaptado de PUIG, 2005.

Dessa maneira, percebemos como as EFAs estão estruturadas para atender as necessidades das famílias do campo. A própria P.A. é pensada para aproximar os sujeitos envolvidos com a vida no/do campo. A partir da união e da troca de saberes a EFA se configura e se reconfigura. EFAs estão frequentemente em um movimento helicoidal orgânico, gerando conhecimento contínuo e ilimitado através da parceria com a comunidade, com as famílias, com os estudantes, com os monitores e professores, sendo esses saberes alimentados constantemente, com experiências de vida, empíricas, científicas e técnicas. Bem como coloca Nascimento (2005):

Dentro desse ritmo alternado na pedagogia acontece todo um processo educativo. O período na Escola é o tempo de refletir, pesquisar, aprofundar e partilhar os fatos e os fenômenos da vida familiar e comunitária. É o tempo de estudo, de trabalhos em grupos, de convivência com outros jovens e alguns adultos. Há participação dos alunos/as em todos os aspectos da vida da Escola. E há reflexão e aprofundamento, pessoal e coletivo, de todos os aspectos da vida familiar. Há também espaço para a diversão e prática de esportes.

[...] No período de permanência junto à família, os jovens trabalham aplicando na propriedade o que aprendeu na Escola, observam o desenrolar da vida e dos acontecimentos da família e da comunidade, discutem com os pais e os vizinhos, fazem perguntas e anotações, respondem com os pais perguntas preparadas na Escola, além de descansar e se divertirem. Os pais são chamados a participar de todos esses aspectos da vida dos filhos/as, seja na Escola e mais ainda na família. Os monitores/as (educadores/as das EFAs) visitam as famílias, discutem com elas o processo educativo dos filhos/as, assim como as atividades e os desafios/problemas que estão enfrentando na propriedade. (Nascimento, 2005, pg.66/67)

Porém, desconfiamos que a mística esteja presente em nosso cotidiano escolar a ponto de estar arraigada a cada instrumento pedagógico, a cada pilar que dá base à nossa EFA: As rodas, por exemplo, que acontecem pelo menos três vezes ao dia na EFASOL e que são realizadas apenas na presença de todos e todas que estiverem naquele momento na escola e com as mãos dadas; ou nas aulas, que tem a roda como essência no conceito de semelhança, pois estão todos de frente uns para os outros, colocando o grupo em nível de igualdade, são lugares de mística. As tutorias, quando ultrapassam a orientação dos jovens em seus Planos

de Estudo, e vão além, dando ouvido e abraço quando necessário, são lugares de mística. Ou quando nos *plantões*, como chama Vergütz (2013) os momentos de divisão do cotidiano escolar e as noites em que os monitores passam na companhia dos jovens e que, na EFASOL, chamamos de *permanência*, a presença do acolhimento torna-se a base para o acompanhamento pedagógico de cada sujeito, também aí, é lugar de mística.

***Mysterion*: das raízes religiosas aos movimentos sociais**

Mística, ou em grego, *mysterion*, vem da palavra *múein*, que quer dizer perceber o que está escondido, o não comunicado, de uma realidade ou de uma intenção (BOFF, 1999). Seria a sensação, a emoção, o conceito e a energia instigada por um ato. Comerlatto (2010) complementa o caráter histórico da origem da palavra:

No helenismo antigo, *Mistério* significava o culto das religiões secretas aos iniciados como os mistérios de Dionísio, Elêusis, Serapis, etc. Em Platão introduz-se a ideia de que os mistérios já não são ritos, mas ideias, verdades escondidas que podem ser compreendidas por aqueles que se esforçarem por atingi-las. (COMERLATTO, 2010, pg. 77)

Data do século V o surgimento da palavra mística, tendo seu significado ligado à ideias que pouco tem a ver com o sentido religioso que no ocidente lhe foi oferecido com o avançar do tempo. Porém, é inegável a importância da raiz cristã para explicar a carga expressiva, intuitiva e de ânimo que a mística passa a ter nos movimentos sociais ligados a terra na América Latina.

Na década de 1970, quando parte da Igreja rompe com o Estado em meio ao caos da ditadura militar no Brasil, indivíduos ligados à religião iniciam um processo de estruturação diferenciada, organizando grupos de debates, e mesmo de enfrentamento contra diferentes tipos de injustiças, sendo elas de gênero, contra povos tradicionais, raciais e/ou de luta pela terra.

Um exemplo dessa nova maneira de conceber as escrituras sagradas do cristianismo são os integrantes da chamada Teologia da Libertação, que inicia na América Latina num contexto de caos dos anos 1950 e 1960, justamente quando regimes ditatoriais tomavam o poder, não só no Brasil, mas em muitos países do continente. Tal teologia tem por base a preocupação com as mazelas do mundo, justamente a inquietação não demonstrada em governos ditatoriais. Como afirma Coelho (2010) “esta teologia não foi pensada por acaso, mas sim para tentar processar um novo olhar sobre as questões sociais e políticas por meio dos Evangelhos” (COELHO, 2010). Teólogos da libertação acreditam na luta de classes dentro da perspectiva marxista, ou seja, sem a luta de classes não há libertação (COELHO, 2010).

ARTE, CULTURA, REGIOLISIDADE E IDENTIDADE: O CAMINHO DA MÍSTICA DAS EFAS DO SUL E A ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE VALE DO SOL

Nesse contexto, as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e a Comissão Pastoral da Terra (CPT) surgem com o intuito de conscientizar os sujeitos do campo sobre as mazelas que sofriam não serem comuns, ou normais, e sim construídas e, por assim serem, poderiam ser evitadas por meio da luta contra o sistema opressor.

Pelo seu discurso que exaltava a igualdade entre todos, as CEBs eram consideradas Igrejas do Povo e, já ali, pode-se ver resquícios das místicas das EFAs, quando, segundo Coelho (2010):

As pessoas que faziam parte das CEBs, geralmente eram da mesma comunidade, bairros, vilas, compartilhavam da mesma fé e se reuniam para conversar, fazer orações, cantar hinos cristãos, trocar experiências, discutir a realidade do grupo e procurar alternativas para enfrentar as dificuldades da comunidade. Para além de um grupo de evangelização, as CEBs eram espaços sociais de libertação, em que os sujeitos envolvidos aprendiam na prática a buscar alternativas para eliminar as suas mazelas. (COELHO, 2010, pg.65)

Entoação de hinos, o diálogo, a busca por alternativas e o enfrentamento de dificuldades são algumas das características exaltadas pelas místicas das EFAs. Bem como a vivência pedagógica das EFAs vai ao encontro da metodologia adotada pelas CEBs, como podemos conferir nas palavras de Coelho (2010):

Partindo das realidades específicas, à Luz dos Evangelhos, a condição social dos sujeitos era debatida, e num exercício em que imperava a participação popular, ideias e ações sociais partiam das reuniões e estudos. O método utilizado pelas CEBs era: ver-julgar-agir. Era feita uma leitura e reflexão da realidade, visando à ação sobre as problemáticas que circundavam a vida dos sujeitos. Resumindo, conhecer e analisar para efetivar a práxis libertadora. (COELHO, 2010, pg. 66)

Dessa maneira, assim como a mística do MST tem por base uma concepção profundamente religiosa, por utilizarem a literatura profética bíblica como palavras de luta contra as estruturas de poder e dominação (COMERLATTO, 2010), as EFAs beberam (e bebem) diretamente de escritos das CEBs e da Teologia da Libertação para organizarem, além da mística, o movimento como um todo.

A juventude fortalecida dos anos 1990 no Vale do Rio Pardo e sua relação com o início das Efas no RS.

Foi no início dos anos 90 que nasceu a Rede Em Busca da Paz (EBP), nos moldes da Pastoral da Juventude, na da Diocese de Santa Cruz do Sul. Nas palavras de Hammes (2005):

ARTE, CULTURA, REGIOLISIDADE E IDENTIDADE: O CAMINHO DA MÍSTICA DAS EFAS DO SUL E A ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE VALE DO SOL

A Rede em Busca da Paz (EBP) é uma organização não-governamental, sediada em Santa Cruz do Sul, abrangendo grupos juvenis da região, dentre outros municípios, Santa Cruz do Sul, Rio Pardo, Venâncio Aires, Lajeado, Arvorezinha e Triunfo. É uma rede ecumênica de jovens cristãos que procuram concretizar, em suas vidas e em seus grupos, a palavra do Evangelho: "Felizes os que promovem a paz, porque serão chamados filhos e filhas de Deus!" (Mt 5,9). (HAMMES, 2005, pg.42)

A Rede nasce atrelada aos valores da Teologia da Libertação e, assim como essa, reflete e busca ações que minimizem as injustiças sociais através da vivência metodológica e de vida direcionadas à paz e à não-violência (HAMMES, 2005). Para as EFAs do Rio Grande do Sul, a ONG Em Busca da Paz tem valor relevante quando integrantes como Antônio Gomes e Neri da Costa, que havia atuado juntos na coordenação do grupo, se envolvem diretamente na abertura da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul (EFASC), em 2009, iniciando o movimento EFA no sul do país:

Em setembro de 2005 embarcava para Minas Gerais, mais precisamente para a cidade universitária de Viçosa, Antonio Carlos Gomes, a fim de visitar seu amigo Professor Neri da Costa, ambos com sua formação pessoal na Pastoral da Juventude (PJ). Aliás, de onde provêm muitas lideranças que marcaram e marcam a história desse país no campo das lutas populares. No caso deles, a formação havia se dado principalmente no importante projeto dos grupos de jovens, denominado Projeto Em Busca da Paz. A viagem de visita a um amigo que estava distante tornou-se um encontro que despertou muitos sentimentos, e mais tarde teria como resultado final a fundação de uma Associação, que viabilizaria, logo em seguida, o surgimento de uma Escola Família Agrícola, no caso a EFASC. (COSTA, 2012, p. 61)

Como relata Costa (2012), foi a partir desta visita a Minas Gerais, mais especificamente à EFA Paulo Freire, no município de Acaiaca, que os princípios da luta pela paz e os direitos humanos encontram a Pedagogia da Alternância, servindo de motivação para o início das articulações que deram origem à EFASC.

Sendo assim, e para permanecer trilhando o caminho que percorreu a mística que hoje meandros os recantos da EFASOL, conversei com quatro integrantes do antigo EBP, que me relataram como foi criada e como era organizada a rede.

Dessa maneira, os Círculos de Cultura apresentam-se como espaço dialógico, que pertence - e é - esfera da comunicação, mostrando-se oportuno quando a mesma base metodológica foi utilizada nos encontros do grupo EBP, adaptados por Padre Marcelo Rezende Guimarães, coordenador da rede, como *Círculos de Cultura de Paz* e que, hoje, são amplamente utilizados nas vivências pedagógicas das EFAs do Sul:

Os círculos de cultura encontram sua referência básica no diálogo, entendido como um elemento essencial no processo educativo, uma vez que responde à exigência

ARTE, CULTURA, REGIONALIDADE E IDENTIDADE: O CAMINHO DA MÍSTICA DAS EFAS DO SUL E A ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE VALE DO SOL

radical das pessoas que não podem se construir fora da comunicação, uma vez que são a comunicação. Os círculos de cultura podem contribuir num processo de construção de uma cultura de paz, por seu acento participativo, dialógico e democrático, fornecendo esta inspiração de reunir pessoas – a ideia do círculo [...] Os círculos de cultura de paz apresentam-se, assim, como uma possibilidade de estruturar a cultura da paz em muitos ambientes, articulando a comunidade como um todo, ou mobilizando segmentos específicos como grupos organizados, a partir de três dimensões fundamentais: comunidades de convivência e tolerância; espaços de debate e construção de consenso; centros promotores de ações e programas para a transformação. (GUIMARÃES, 2006, pg. 16)

Pensando nisso, a partir da revisão da literatura recorrida para a fundamentação teórica dessa pesquisa, organizei questionamentos que orientaram o momento de diálogo que aconteceu no Mosteiro da Santíssima Trindade, em Santa Cruz do Sul/RS, com sujeitos que participaram da ONG e que, livremente, discutiram sobre as questões apresentadas brotando, nas lembranças, a história que antecederam o surgimento das EFAs do Sul do Brasil.

Os participantes da conversa foram Júlio César de Lima (42), Paulo Roberto Glasorester (34), Antônio Carlos Gomes (39) e Ismael Gomes (36). A data era especial, pois antecedia a Páscoa e em todos os sábados que precedem o domingo comemorativo, tradicionalmente os integrantes se reúnem no Mosteiro para organizar, junto das monjas beneditinas, a Vigília Pascal, assim como faziam desde a época da Rede Em busca da Paz. A Vigília é um rito envolto de mística e de celebração e que favoreceu o clima e o resgate das lembranças no diálogo ocorrido no período da tarde.

Hammes (2005) contextualiza a importância do grupo Em Busca da Paz na região do Vale do Rio Pardo:

[...] a EBP foi gestada pela Pastoral da Juventude da Diocese de Santa Cruz do Sul, na passagem dos anos 80 para 90, tendo como tema norteador a paz como algo específico que motivasse a juventude urbana. As ações estavam orientadas como prática eclesial, com retiros e cursos em vista da formação espiritual da juventude. Mas, aos poucos vai adquirindo autonomia e se constitui em ONG, com uma proposta voltada para a construção da paz, especialmente a partir da juventude. Hoje faz parte do grande Movimento Pacifista e se inspira em ações protagonizadas por líderes como Mahatma Ghandi, Martin Luther King, Dom Oscar Romero, Rigoberta Menchú, Chico Mendes e outros. (HAMMES, 2005, pg.43)

Como coloca Hammes (2005), o EBP surge antes de virar ONG no início dos anos 90, sendo organizado em retiros que duravam um final de semana, com o objetivo de sensibilizar os jovens participantes, com ações muito atreladas à Pastoral da Juventude. Após algum tempo, a organização inicial do Em Busca da Paz toma forma e é dividida enquanto grupos que assumiam discussões, reflexões e ações diante de causas urgentes para a paz mundial, dessa maneira “cada grupo tinha uma causa urgente e trabalhava, estudava e se sensibilizava” (LIMA, 2019, informação verbal).

ARTE, CULTURA, REGIOLISIDADE E IDENTIDADE: O CAMINHO DA MÍSTICA DAS EFAs DO SUL E A ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE VALE DO SOL

A visão de mundo e conjuntura da EBP vem da Teologia da Libertação e encontra uma identidade comum com as CEBs. Ainda, similaridades no jeito combativo, crítico e de mobilização social da PJ, das CEBs e da Teologia da Libertação influenciaram no modelo adotado pelo grupo.

Apesar de o EBP ter raízes fortes na Pastoral da Juventude, como por exemplo, na organização do grupo, que contava com acessorias e coordenações como a própria PJ, os integrantes do Em Busca da Paz ressaltam a importância criativa de Padre Marcelo Rezende Guimarães nesse processo:

A vigília que nos vamos ter hoje: A Igreja a tem estabelecida, acontece aqui e no mundo todo. Com as mesmas leituras. Existe toda uma organização que diz como tem que ser, o que tem que acontecer. Mas ele [Padre Marcelo Rezende Guimarães] conseguia pegar essa estrutura e dar um caráter próprio, diferente. A vigília daqui não tem o mesmo *clima* de outros lugares, apesar de obedecerem às mesmas regras básicas estabelecidas pela Igreja para a liturgia. E isso tem a ver com esse lado artista dele. (GLASORESTER, 2019, informação verbal)

Igualmente, a organização do grupo ficava a critério de Padre Marcelo Rezende Guimarães, que ao se assumir monge beneditino, adotou a alcunha de Dom Irineu. Segundo Gomes (2019, informação verbal), Padre Marcelo era quem dava o tom das reuniões, organizando desde abertura, cânticos e reflexões, pensando o todo para mover os jovens a participarem das discussões e das ações propostas.

A forma de rezar, até a conscientização dos jovens para agirem pela justiça e paz, são fatores que interferiram diretamente na vida de cada integrante. Segundo eles, tais diferenças foram importantes para gerar identidade em cada grupo do EBP e, posteriormente, na vida adulta, a responsabilidade política e social de cada sujeito envolvido.

Quando questionados sobre a mística vivida no EBP e seu conceito, os integrantes refletiram e chegaram a comentar que “é algo difícil de conceituar, como a arte... As palavras não conseguem dar conta” (GLASORESTER, 2019, informação verbal). Organizando o pensamento após alguns instantes, algumas afirmações surgiram como bases que fundamentaram a mística do grupo:

A mística é um jeito de fazer as coisas [...] envolve utopia⁵ [...] é coerente com princípios, meios e fins;
Algo que se cria para se conectar as pessoas, [...] para a gente se unir e se fortalecer;
São ritos, mas os ritos fazem parte da mística, não são A mística;
Não é um momento isolado, mas uma vivência.

⁵ *Utopia*, aqui, refere-se à *perfeição*, na fala de Lima (2019, informação verbal). Ou seja, ao mundo perfeito que se espera para o futuro segundo os integrantes do EBP: com igualdade, paz e justiça sem distinção de credos, etnias, culturas, classes ou gêneros.

ARTE, CULTURA, REGIOLISIDADE E IDENTIDADE: O CAMINHO DA MÍSTICA DAS EFAs DO SUL E A ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE VALE DO SOL

Para os integrantes do EBP que participaram da conversa, a mística é a busca do *mistério divino* através da vivência constante, onde elementos determinantes são o tempo e a dedicação. Ela é impregnada de sentidos na busca pela *utopia*, ou seja, a luta pela liberdade, igualdade e justiça a todos os sujeitos, sem qualquer distinção, sendo através dessa *utopia* que o coletivo se conecta.

Considerando as respostas adquiridas pela conversa com os integrantes do EBP, fica evidente que o conceito de mística vai muito além de momentos específicos ou mesmo de estar em busca e acreditar em algo de maneira ingênua. Na mística da ONG muito se percebe a palavra *luta* atrelada à paz, que, num consenso comum, podem vir, erroneamente, a parecer antagônicas. Guimarães (2006) esclarece:

Mais do que uma realidade concebida de forma idealista, a paz se apresenta, não como oposta ao conflito, à agressividade, à indignação, ao uso da força e à luta, mas justamente como uma forma de resolver os conflitos, de importar a energia humana e de avançar em direção a seus objetivos sem violência. (GUIMARÃES, 2006, pg.19)

Assim, a mística delineada pelos integrantes do grupo, cuja causa primeira era/é o anseio em alcançar a paz e a igualdade entre todos os povos, encontra reflexo nas palavras de Bogo (2016), quando o autor vislumbra a palavra mística no âmbito dos movimentos sociais, sendo ela caracterizada pela ação e pela atividade de luta dos sujeitos e destes enquanto grupo organizado, contrariando uma ideia abstrata e de passividade no lirismo que a raiz da palavra (e a *busca do mistério*) pode vir, equivocadamente, a representar:

Nesse sentido, a palavra mística é o adjetivo de mistério. Usa-se geralmente a palavra “mistério” para designar coisas inexplicáveis ou coisas indecifráveis, mas, neste caso, da animação da criação, da educação e da organização da luta de classes, não é. Mistério, no ser consciente, não se torna misticismo, mas sim mística, força, energia e vontade criadora. Com ela, as pessoas não acreditam ingenuamente, mas querem saber por que razão as coisas acontecem. Por que o ser humano tem a capacidade de exigir tanto de si em benefício dos outros? Por que as multidões desafiam todas as forças e todos os limites, para que uma causa coletiva seja vitoriosa? Por que nem a tortura, a prisão perpétua, ou a pena de morte fazem o sujeito criador, consciente de sua função no mundo, renunciar aos seus princípios? (BOGO, 2016, pg.42)

A mística, logo, torna-se a fonte onde a luta bebe para encorajar seus participantes a continuarem na caminhada. É ela quem dá o tom da chamada e a voz para os emudecidos sociais. É a marca que fica da experiência vivida: *Apesar da gente não ter conseguido continuar por vários motivos: falta de maturidade, etc. Foi a experiência mais maravilhosa que a gente teve.* (GLASORESTER, 2019, informação verbal)

Trata-se do olhar curioso, questionador e criativo, que inventa e reconstrói em cima de padrões pré-estabelecidos. O mesmo olhar que percebeu, nas EFAs de Minas Gerais, na identidade e na conexão prática e conceitual – e na *mística* – que era possível reformular a

proposta em *prol* da realidade da juventude do campo da nossa região.

A mística nas Efas de Minas Gerais

Como já dito anteriormente, a EFASOL, como todas as EFAs do Rio Grande do Sul, tem por base a observação da vivência pedagógica das EFAs de Minas Gerais, quando, a partir de uma visita à EFA Paulo Freire, em Acaiaca, no ano de 2005, encontrou-se uma nova maneira de conceber a Educação do Campo através da Pedagogia da Alternância.

Em Minas Gerais, revivi os passos que foram dados para iniciar nosso processo escolar aqui no Sul, e, a partir de conversas com estudantes, monitores e pessoas importantes de movimentos de luta pela terra, pude compreender melhor a mística que caracteriza, hoje, a EFASOL.

Durante a estadia de meu grupo em Minas Gerais, conversei com pessoas ligadas ao movimento EFA que animaram a inauguração das Escolas Famílias Agrícolas do Sul do Brasil. Primeiramente, tais conversas foram realizadas com monitoras e monitores com questões abertas que abordaram o conceito de mística para cada sujeito e a descrição da trajetória particular dentro do movimento/escola.

Relativo ao conceito estabelecido, há certa diferença sobre o que os educadores consideram mística e as ponderações oferecidas pelos membros da ONG Em Busca da Paz. Para os monitores, místicas são momentos específicos do dia, ou que o grupo estabelece, para refletir e/ou discutir sobre assuntos específicos. Por exemplo, na EFA Camões, localizada no município de Sem Peixe, as monitoras afirmaram que a mística acontece três vezes ao dia, antes das refeições principais: café da manhã, almoço e janta. Ainda, nessa escola, a mística, seguindo o conceito estipulado pelas educadoras, é trabalhada mais amplamente na aula de artes, pois, para as monitoras, seu objetivo principal é a valorização das culturas das famílias que compõe a comunidade, sendo a aula de artes o período mais oportuno para estudar atividades a serem desenvolvidas em momentos de celebração.

Na EFA Puris, em Araçuaia, os monitores avaliaram que não é uma prática comum da escola o trabalho com atividades de mística, pois o conceito da palavra vai ao encontro do obtido com as educadoras da EFA Camões. Em razão disso, colocaram como um ponto fraco da escola a carência de práticas de mística, pois poucos momentos são dedicados a “*rezar ou refletir sobre assuntos específicos do cotidiano*”.

Porém, nossa observação mostrou que a mística estava lá: apresentando-se, mesmo que inconscientemente, no discurso inflamado e emocionado dos monitores. Afirmando isso diante das respostas obtidas a partir de questões referentes à permanência dos monitores na EFA, mesmo diante das dificuldades relatadas pelos mesmos, como falta de incentivo

ARTE, CULTURA, REGIONALIDADE E IDENTIDADE: O CAMINHO DA MÍSTICA DAS EFAs DO SUL E A ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE VALE DO SOL

governamental, dificuldades financeiras, etc. As respostas tinham como base a mesma motivação: um *não sei o quê* existente nesses espaços educativos e que não é encontrado em outros. Tal *mistério* fica claro no depoimento de Renata Barcelos Repolês, monitora de Biologia, Química e Ciências, além de secretária e coordenadora pedagógica da EFA Camões:

Isso daqui é tudo muito diferente [...] as coisas que acontecem aqui, como acontecem aqui, é muito diferente do que a gente vê lá fora. E é chamativo e encantador porque é muito mais vivência e muito mais real do que a gente vê lá fora. Lá fora é tudo muito mecânico, não sei qual é a palavra certa disso... E aqui não, você tem liberdade [...] A ideia de uma Escola Família Agrícola, de como isso funciona, a Pedagogia da Alternância, é encantadora e é isso que ganha a gente. E o vínculo que a gente forma aqui dentro também não é um vínculo de trabalho ou um vínculo de professor-aluno, vai muito mais além do que isso. (REPOLÊS, 2018, informação verbal)

A fala de Renata encontra eco nos depoimentos dos integrantes do EBP. A questão apontada pelos membros da ONG, sobre *“passar pelo corpo”* e *“provocar o que está dentro”*, é o que move os monitores e monitoras das EFAs a prosseguir nas escolas.

Igualmente, corrobora a fala do grupo Em Busca da Paz sobre a *utopia* que move a luta e que é essência da mística, a motivação de Deiviane Rodrigues, ex-aluna da EFA Jacaré, localizada no município mineiro de Itinga, e que hoje atua como monitora de língua portuguesa e artes da EFA Camões:

Eu vim de família rural, meus pais são agricultores e foi uma forma que eles me ensinaram a não sair do campo: a de lutar pela terra que eu conquistei, que eles conquistaram. E eu queria também passar para os meus alunos e pros meus filhos que eles também tem que lutar por isso. (RODRIGUES, 2018, informação verbal)⁴

Destarte, a luta, a ânsia por mudança social, a *utopia* afirmada pelos integrantes da ONG Em Busca da Paz, encontram reflexo nas EFAs mineiras. Tais questões estão arraigadas à mística das EFAs, mesmo que em uma esfera mais subjetiva e que não esteja atrelada, diretamente, ao significado original da palavra compreendida e utilizada pelas escolas visitadas.

O *mistério* aos olhos dos estudantes da EFASOL

A EFASOL considera a mística algo essencial no processo formativo, tão importante quanto qualquer disciplina técnica ou do currículo comum. Assim, celebra momentos de mística em diferentes ocasiões, sendo elas comemorativas ou não. Alguns momentos de mística do ano de 2018 podem ser conferidos na imagem a seguir:

Figura 2 - Momentos de mística na EFASOL no ano de 2018

ARTE, CULTURA, REGIOLISIDADE E IDENTIDADE: O CAMINHA DA MÍSTICA DAS EFAS DO SUL E A ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE VALE DO SOL



Fonte: Os Autores

A pesquisa foi realizada logo após um momento de mística elaborado pela turma de primeiro ano. A turma, que havia sido recebida no início de 2018 pelo terceiro ano, propôs, no fechamento do período letivo, realizar uma mística de despedida para a turma de terceiro, retribuindo o acolhimento.

Logo após a mística, propus duas questões e deixei que todos conversassem livremente sobre o assunto. O diálogo foi mediado pelas seguintes indagações: O que é mística? Onde a mística está?

Em tese, as respostas coincidiram com as que obtive em Minas Gerais, ou seja, a mística, para os estudantes da EFASOL, são momentos de integração, arte, valorização da cultura e expressão de sentimentos. Os estudantes elaboraram e concordaram com as seguintes afirmações:

Mística são momentos diferentes de integração;
Mística são momentos para celebrar alguma coisa, alguma data. Ou para descontrair as aulas;
Mística é uma forma criativa para apresentar fatos;
Mística não tem lugar certo e serve para unir pessoas;
Mística é característica forte das escolas do campo.

Ou seja, mística envolve integração, celebração, criatividade e união e, segundo eles, é uma qualidade presente apenas nas escolas do campo, como afirma um dos relatos:

A EFASOL se difere por causa da mística, porque nas outras escolas eu nunca vivenciei nada assim parecido. Nem uma música, nada. Então, quando eu cheguei aqui, que o terceiro ano nos recebeu com uma mística, eu pensei: “Meu Deus, o que é isso? Que massa! Que legal!” (relato de estudante da EFASOL, 2018, informação verbal)

Além disso, muitos estudantes alegaram sofrer preconceito em outras escolas, justamente por serem filhos e filhas de agricultores. Considerando isso, a mística para eles

ARTE, CULTURA, REGIONALIDADE E IDENTIDADE: O CAMINHO DA MÍSTICA DAS EFAS DO SUL E A ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE VALE DO SOL

serve também como meio de reforçar a autoestima diante de suas realidades:

Ela [a mística] mostra que os jovens do campo têm criatividade, que somos capazes de fazer criatividade. Que estar em uma escola do campo não nos faz menos criativos que pessoas que não estão no campo. (relato de estudante da EFASOL, 2018, informação verbal)

Igualmente, o momento de mística para os estudantes é a ocasião onde eles podem expressar suas lutas: *“mostrar nosso ideal”*, como afirmou um dos estudantes. Para os jovens, esses momentos emocionam e fazem pensar, estando antes, durante e depois da própria mística. Ou seja, existe uma preparação e sensibilização anterior ao ato da mística em si, exigindo de quem organiza e conduz a prática, estar envolto do *clima* o qual pretende passar.

Depois de um tempo de discussão, os jovens chegaram à conclusão que para existir mística, deve haver arte, reflexão, aprendizado, cultura e vida. Após considerar essa afirmação, colocaram que *“todos os espaços que tem isso em sua essência, são espaços místicos. Talvez a mística possa ser mesmo uma forma de abordagem de determinado assunto. Então a mística pode estar em vários espaços sem que a gente se dê por conta”*, como colocou um dos jovens.

Considerações Finais

Percorrendo os passos da mística até aqui, pude observar que a palavra *mística* traz em si, basicamente, o sonho de um mundo mais digno e justo para todos os povos à margem da sociedade. A mística, como a sentimos na nossa escola, é a comunhão de conceitos e lutas. Tal combinação envolve o ânimo observado na vivência pedagógica das EFAs de Minas Gerais, mas também o olhar apreciativo, de mudança na ação e de empoderamento juvenil proveniente de grupos da igreja católica, principalmente o da ONG Em Busca da Paz, de onde alguns monitores que hoje atuam nas EFAs do Rio Grande do Sul tiveram sua primeira formação sociopolítica.

Tal olhar contemplativo e criativo, que vislumbrou uma possibilidade de educação diferenciada na Pedagogia da Alternância, foi formado no início dos anos 90, quando Padre Marcelo Rezende Guimarães confiou na força juvenil para transformar o mundo através da causa da paz:

Em se tratando de formação, o conceito de protagonismo, infantil e juvenil especialmente, é determinante. Oriundo dos meios religiosos – foi criado pela pastoral da juventude católica para designar o papel preponderante do jovem na sua condução -, o conceito ganhou autonomia. Na educação para a paz, assume a conotação de que os jovens e as crianças são verdadeiros sujeitos dos círculos de cultura de paz e que lideram ações verdadeiras e reais para a paz. Na expressão de

ARTE, CULTURA, REGIOLISIDADE E IDENTIDADE: O CAMINHO DA MÍSTICA DAS EFAS DO SUL E A ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE VALE DO SOL

Guimarães, as crianças e os jovens não são hoje os cidadãos do amanhã, mas serão amanhã os cidadãos de hoje. (2002, p.6). (GUIMARÃES, 2005, pg.317)

Assim, trilhando o caminho da mística até aqui, pude perceber que ela existe como dois momentos distintos:

O primeiro, celebra a própria mística em ocasiões que a ela recorremos para reavivar nossa união diante das batalhas. Em tais circunstâncias cantamos, tocamos, arrumamos a casa e unificamos nossas forças para lutar ao lado de nossos companheiros e companheiras. Como destaca Freire, “a ação política junto aos oprimidos tem de ser, no fundo, “ação cultural” para a liberdade, por isto mesmo, ação com eles” (FREIRE, 2018, pg.73), ou seja, não se faz mística de maneira isolada, pois mística é união. A mística não tem dono, pois, se ela tem em sua raiz a celebração de diferentes culturas, reverencia, por conseguinte, as particularidades entre as pessoas de um mesmo grupo, existindo apenas no conjunto e na combinação dessas diferenças.

Já, a segunda forma de vislumbrar a mística na EFASOL é através do convívio. A mística, para além dos momentos de celebração, existe nos diferentes espaços, no companheirismo e na vida em grupo. Guimarães (2005) trata sobre o assunto:

Não só o tempo extraordinário pode ser uma referência para a educação para a paz, mas principalmente o tempo ordinário. Aqui refere-se às vivências cotidianas na escola, tais como, por exemplo, os recreios, as relações, as aulas, etc., como oportunidades de temporalização da paz, isto é, de experiências intersubjetivas baseadas na igualdade, no direito, na liberdade e justiça. Do contrário, o que adiantaria mesmo tematizar a paz ou celebrá-la em grandes datas, se o tempo cotidiano torna-se momento de submissão e dominação, reprodução e produção de uma sociedade da violência? (GUIMARÃES, 2005, pg. 219).

As ferramentas pedagógicas da Pedagogia da Alternância nos auxiliam a manter nossa mística. Juntamente a isso, a EFASOL busca manter a chama sempre acesa a partir da valorização às áreas artísticas e ao exercício constante do olhar sensível. Na escola, quatro áreas de artes são contempladas igualmente, sendo elas: música, teatro, literatura e artes visuais. Como o enfatizado pelos entrevistados, a arte é elemento fundamental na prática da mística.

Além disso, tendo em vista a designação da palavra oferecida por Bogo (2016), que diz que mística é “a procura de explicações das manifestações do ânimo que está no mistério, e não a aceitação da dúvida” (BOGO, 2016, pg. 42), a arte apresenta-se como meio de questionar a realidade, sendo o lugar onde as dúvidas tomam forma de expressão através do exercício da criatividade. A arte, segundo Bogo (2016):

ARTE, CULTURA, REGIONALIDADE E IDENTIDADE: O CAMINHO DA MÍSTICA DAS EFAS DO SUL E A ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE VALE DO SOL

“[...] faz parte do cotidiano, da produção da existência social, assim como a técnica e a ciência. Podemos até viver sem ela, mas, com certeza, a vida será muito mais miserável e cansativa, porque, sem ela, o processo da alienação se naturaliza e não só o indivíduo deixa de criar, como também a coletividade não sente falta da criação. Seria o mesmo que satisfazer-se por décadas com as mesmas descobertas, sem pretender mais benefício algum. A motivação para inovar e qualificar o que fizemos é tarefa da mística.” (BOGO, 2016, pg. 51)

A mística é luta, inovação, criatividade, amor, vivência e reflexão com ação. Tanto em momentos específicos, quanto na vivência pedagógica da EFASOL, tais características são essenciais para a mística existir. Ela nem sempre pode ser conceituada em palavras, mas está lá: *“eu não entendo muito de mística [...] o que eu sei é que a escola é uma família pra gente. Porque quando você passa mal, a primeira pessoa que você vai procurar é o monitor [...] Eu gosto muito de estudar lá”*. (estudante da EFA Puris do 2º ano do Ensino Médio, 2018, informação verbal). Dessa forma, podemos dizer que a mística é o caminho mais natural, menos dolorido, mais criativo, nunca calmo, mas sempre amoroso, por onde os sujeitos podem ser vistos e clamar justiça.

Referências

BOFF, Leonardo. **Ecologia, mundialização, espiritualidade**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

BOGO, Ademar. A arte e a mística na educação camponesa. In: CARVALHO, C.A.S.; MARTINS, A. A. [Orgs.]. **Práticas artísticas do campo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

CARVALHO, C.A.S.; MARTINS, A. A. [Orgs.]. **Práticas artísticas do campo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

CERQUEIRA, Márcia Cristina de Almeida; SANTOS, Célia Regina Batista. As escolas famílias agrícolas, a pedagogia da alternância e o caderno da realidade (2012). In: **Anais do 1º Seminário Internacional e 1º Fórum de Educação do Campo da Região Sul do RS: Campo e Cidade em busca de Caminhos Comuns** (pp. 1-15). Pelotas, RS. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/sifedocregional/images/Anais/Eixo%2004/Marcia%20Cristina%20de%20A.%20Cerqueira%20e%20C%3%A9lia%20Regina%20B.%20dos%20Santos.pdf>. Acesso em 20 de dezembro de 2018, às 18h08min.

COELHO, Fabiano. **A prática da mística e a luta pela terra no MST**. 2010. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados.

COMERLATO, G. V. **A dimensão educativa da mística na construção do MST como sujeito coletivo**. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

COSTA, João Paulo Reis. **Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul – EFASC: uma contribuição ao desenvolvimento da região do Vale do Rio Pardo a partir da pedagogia da**

alternância. 2012. 226 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade de Santa Cruz do Sul.

DANTAS, Vera Lúcia; LINHARES, Ângela Maria Bessa. **Círculos de cultura: problematização da realidade e protagonismo popular.** Ministério da Saúde - II Caderno de Educação Popular em saúde. Disponível em: <http://www.edpopsus.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/texto-2-4-cc3adrculos-de-cultura.pdf>. Acesso em 20 de janeiro de 2019, às 20h.

DE BURGHGRAVE, Thierry. **Vagabundos, não senhor Cidadãos brasileiros e planetários: uma experiência educativa pioneira do Campo.** Orizona / GO: UNEFAB, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GIMONET, Jean-Claude. **Praticar e compreender a Pedagogia da Alternância dos CEFAS.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

GUIMARÃES, Marcelo Rezende. **Aprender a educar para a paz.** Goiás: Ed. Rede da Paz, 2006.

GUIMARÃES, Marcelo Rezende. **Educação para a paz: sentidos e dilemas.** Caxias do Sul: Educus, 2005.

HAMMES, Lúcio Jorge. **Aprendizados de convivência e a formação de capital social: um estudo sobre grupos juvenis.** 2005. Tese (Doutorado em Educação). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.

MARCONI, A.; LAKATOS, E.M. **Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação dos dados.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

MINAYO, M. C. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, Vozes, 2002.

NASCIMENTO, Claudemiro Godoy do. **A educação camponesa como espaço de resistência e recriação da cultura: um estudo sobre as concepções e práticas educativas da Escola Família Agrícola de Goiás – EFAGO.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Campinas, Campinas.

Ofício divino. Mosteiro do Salvador. Disponível em <http://mosteirodosalvador.org.br/msba/index.php/oficio-divino>. Acesso em 17 de maio, às 21h17min.

PRATES, J. C.; CARRARO, G. “Na prática a teoria é outra” ou separar é armadilha do capitalismo? **Argum.**, Vitória, v. 9, n. 2, p. 161-171, maio/ago. 2017.

PUIG-CALVÓ, Pedro. Que orientação profissional é possível promover no ensino fundamental. **Revista da Formação por Alternância:** Brasília, v.1, n.1, p.22-36, 2005.

STRECK, E. R.; ZITKOSKI, J. J. [Orgs.]. **Dicionário Paulo Freire.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

ARTE, CULTURA, REGIONALIDADE E IDENTIDADE: O CAMINHO DA MÍSTICA DAS EFAs
DO SUL E A ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE VALE DO SOL

TOLEDO, M.C.B.M. *Círculo de Cultura: Possibilidades da Pedagogia da virtualidade*. [anais] **IX Colóquio Internacional Paulo Freire**: Paulo Freire – Educação e justiça social, 2016, Recife.

VERGÜTZ, Cristina Luisa Bencke. **Aprendizagens na Pedagogia da Alternância da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul.

Entrevistas:

DUARTE, Maria Rosania Lopes. [Entrevista concedida a] Monique Arabites. Araponga - Minas Gerais, 26 set. 2018.

GLASORESTER, Paulo Roberto. [Entrevista concedida a] Monique Arabites. Santa Cruz do Sul - RS, 20 abril 2019.

GOMES, Antônio Carlos. [Entrevista concedida a] Monique Arabites. Santa Cruz do Sul - RS, 20 abril 2019.

GOMES, Ismael. [Entrevista concedida a] Monique Arabites. Santa Cruz do Sul - RS, 20 abril 2019.

LIMA, Júlio César Meazza de. [Entrevista concedida a] Monique Arabites. Santa Cruz do Sul - RS, 20 abril 2019.

OLIVEIRA, Gilmar. [Entrevista concedida a] Monique Arabites. Acaiaca - Minas Gerais, 25 set. 2018.

REPOLÊS, Renata Barcelos. [Entrevista concedida a] Monique Arabites. Sem Peixe - Minas Gerais, 25 set. 2018.

RODRIGUES, Deiviane. [Entrevista concedida a] Monique Arabites. Sem Peixe - Minas Gerais, 25 set. 2018.

Sobre os autores:

Monique Aline Arabites de Oliveira é Bacharel em Artes Visuais, com ênfase em Design de Superfície/Estamparia pela Universidade Federal de Santa Maria. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Email: moniquearabites@gmail.com

Antonio Carlos Gomes é Mestre em Desenvolvimento Regional (2014) e Bacharel em Serviço Social (2004), ambos pela Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC. Monitor/professor da área de Ciências Humanas e Sociais na Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul e membro da coordenação da escola. Email: antoniogomesrs@gmail.com